

Portuñol: declarasaum duma *dislenguada* fronteriza

Carla Custodio Marcelino
Centro Regional de Profesores
del Norte-Rivera
carlacustodiomarcelino@gmail.com

Resume

A lingua cumo manifestasaum cultural de uma comunidade fas intendé a sua realidade. Naum esisteim duas linguas iguais i esa diversidade teim um valor cultural seim midida. Nese contesto u portuñol esiste, presionado pela sociedade dominante ki deseja um linguicidio, a morte do portuñol. Neste artigo, a mulier portuñol falante pretende manifestar sua declarasaum sobre cómo ela veve a realidade na frontera de Rivera (Uruguai) cum Livramento (Brasil). Atraves a u artigo u conseito de dislenguada ki é isplicado com uma analogia da realidade desta falante, abitante deste territorio fronterizo.

Palavra chave: portuñol, frontera, dislenguada.

Abstract

Language as a cultural manifestation of a community makes us understand its reality. In this context, portuñol exists,

under pressure from the dominant society that wants the linguicide, the death of portuñol. In this article, the portuñol speaker tries to express her statement about how she lives her reality on the border of Rivera (Uruguay) and Livramento (Brazil). This essay discusses the concept of *deslenguada*, which is explained by means of analogy of the reality of this speaker, an inhabitant of this border territory.

Key words: portuñol, border, deslenguada

Introdusaum

U seguinte ensaio tem cumo objetivo trasformá em palavras escritas u sentimento de keim escreve este texto ki mora na frontera entre Rivera (Uruguai) i Santana do Livramento (Brasil). Naum posso dexá de disé ki tó atravesada tambeim pur u meu lugar de nacimiento, a frontera entre Artigas i Quaraí. Pur iso, gosto de disé ki só fronterisa. Aleim diso, devo disé ki só lingüista, vejo a lingua cumu uma manifestasaum cultural. A lingua, cumu transversal a vida mesmo, naum deve ser separada du resto. Pur tanto, estas liña, pur sé sobre u portuñol, naum deve té cumo foco só u ki diseim us lingüista.

As próxima página teim como fiu da meada os conceito de frontera, território e identidade. Agrego tambeim a eterogenidade, a diversidade i pluralidade. Aki naum é um ome num mundo masculinizado ki iscreve, é uma muié i ke fala portuñol, uma *deslenguada* (Anzaldúa, 1999). Mas ¿queim saum as *deslenguadas*? Semo nois, de español deficiente, a pesadiya dus purista lingüístico, us torto, ki naum semo aceitado pur a sociedade dominante. Esas saum algumas das ideia ki vou iscrevé neste testo, kí é u primero publicado num ámbito académico eim portuñol.

Eu, i muñtas muié, ocupamo um lugar subalternizado nesta frontera porke falemo portuñol nas casa. Sim, nas casa, porke nos muié só podemos fala em portuñol na privacidade, na intimidade e nao eim lugares públicos. Meu lugar nesta sociedade patriarcal é cumo subalterno deles, dus ki tambeim saum subalternos na lógica centralista. A frontera, vista cumo negativa pra construsaum da identidade nacional i omogenia, akí é tratada cumo u lugar de convívio de dois povo.

A primera parte deste trabaio tenta isplícá ki si intende por frontera. Pra isso apresento u ki, num artigo mais ortodoxo, faría parte du istado da arte mas ki nestas liñas de reflescaum, naum procuram si someter aus padrões da iscritura académica. U seguinte subtítulo aponta pra identidade desde um oiar simbólico, cum foco nu seu conteúdo representacional. Depois, veim a relasaum entre território e identidade territorial i entre istigma i portuñol cumo língua istigmatisada. Nas última página apresento a ideia das dislinguadas i procuro ki a reflesaum final seja declarativa, cum a intensaum de posicionar au portuñol cumo ispresaum de alegre resistensia i rebeldia nas frontera periférica de mundos istóricamente silenensiados.

Frontera

Podemo ter diferentes forma de pensar ou de abordar a frontera: prus socioligista pode ser uma divisaum de grupos social. Para a geografía, é um limite entre um territorio i otro. Tambeim esiste a ideia de frontera cumo una linha ki divide as duas sosiedade mas ki é imaginaria, ki é u limite du territorio (Enninger, 2013).

As frontera saum ispaso de movimento, de convivio, de criasao de identidade. Saum ispaso onde teim procesos sociau i

cultura. Esas interfase dus Istado unim i separaum tanto du jeito material cumo imateriau (ver Grimson, 2000). Tambeim saum ispaso de desigualdade i nu ki podemos vé as diferença de poder. A frontera é um ispaso físico mas tambeim duma comunidade ki é capaz de resistir a injustisa social (Zalvide, 2018).

Aki, na nosa frontera, fiserum muitas pesquisas: trabaio pra maestria, dotorado i ainda mais. Forum varios antrpólogo ki si interesaram i descreveram tudo o que acontece aki i us discurso dagente (Quadrelli, 2002; Hartmann, 2011; Persia, 2010). Tambeim purke aki foi um dus lugar donde aparecerum us primero povoadores do uruguai (Gianotti, Criado Boado y López-Mazz, 2008). Us sociologista, por esemplo, sinteresarum pur us cameló ki saum us comersio informau daki i tambiem analisaram a nosa sociedade (Mazzei, 2002 y 2013). U noso comercio ilegal, u famoso contrabando, tambein foi istuado (Dorfman, 2009). Gau (2015, 2017, 2020), morador desta frontera, apresenta vários trabaio sobre frontera cumo um lugar de mistura, mas tambeim tenta, nu seu último trabaio, desmontá a ideia da “frontera de la paz”. Tambeim desde aki, Palermo (2013) cum oliar desde a histórica fala sobre o ki foi i é a frontera.

U ki tambeim minteresa é u que fiserum us lingüista i a pesquisa sobre a nosa lingua. Us primero trabaio sobre u que acontecia cum a lingua (portuñol) na frontera urugaia-brasilera foi feito pur u investigador José Pedro Rona eim 1959¹. Cuando ele veio fazé a investigasaum, a sua ideia foi estudá u ispañol que falavam no Uruguai mas ele descubriu que aquí falavam otra coisa, um dialeto portugues. Ele colocó u nome de “dialeto Fronterizo del Norte del Uruguay”. A situasao que ele viu deixou ele surpreso i pur iso ele quis fazé uma investigasam. Depois diso ele presentó seus trabaio nuns congreso. Según Rona, u dialeto fronterizo é u

resultado da mistura entre u casteliano i u portugués (Rona, 1965). Ele descreveu a situasao como “(...) en el territorio uruguayo se ha

formado también una especie de dialecto intermedio, que presenta algunos rasgos del portugués y otros del castellano” (p.387).

Otros lingüista cumo Elizaincín y Behares nus anus 80 dan outro nome pru ki nos fala: “dialectos portugueses del Uruguay” (DPU) depos das suas investigasaum. Ese nome é retomado por Elizaincín, Behares y Barrios (1987). Otro nome é u ke dá Carvalho (2007) a nosa lingua: *portugués uruguayo*. Ela afirma ki teim coisa du portugues rural nu ispañol. Nese trabaio vamos chamá portuñol porke é fiel au nome ke damos os falante i u ke descreve mior esa ideia de mistura, mezcla de duas linguas, de duas cultura. Sturza (2005, 2010 y 2019) tambeim investiga u contato entre as lingua i cómo funciona na sociedade fronteriza. Define o portuñol cumo uma língua, “uma prática lingüística e comunicativa, considerando que há falantes e, cada vez mais, apresenta- se como um traço da construção identitária para seus falantes, em especial, no caso do portunhol uruguayo (2019:100).

Identidade: u portuñol cumu símbolo

U ke teim de diferente entre um grupo i otro faz parte da sua identidade. Naum é um fenomeno fixo, é dinámico, vai mudando. Naum é momentanio, pode mudar pra pessoa i pra sociedade. Si eu asumo ki a identidade é construida, ke dicé ki é elaborada socialmente, depende dus fato istórico i social. A identidade é u resultado da nosa biografía (Lapresta y Huguet, 2006).

A lingua é parte desa biografía, a columna vertebral de cada grupo. Através dela us

valor cultural, as norma i sentimento grupal é trasmitido. Cada grupo se diferencia pur ela. Pudemo disé ki a identidade pode vim da lingua materna i ki naum iscoliemo, é a lingua ki agente se identifica i us otro identifica agente. Pensando niso podemo disé ki pra muitos de nos u portuñol simbolisa a nosa identidade, u ki nus coneta com a nosas raices, a nosa familia, esas cunversa ki so podemo te cum eles (Pujol, 1989, en Süsselbeck). Pujadas (1991) isplica ki a identidade étnica é “una clase de sentimiento de pertenencia que vincula al individuo con la colectividad a la que pertenece por nacimiento o adscripción. Pero esa identidad étnica puede transformarse en un estigma social” (p.35).

Falá portuñol é fasé parte dum grupo o naum. Todos somos dono i achemo ke só existe um poruñol i é u meu. Tudo u ke é diferente, dexa de sé um istilo de fala i é uma condisaum para sé membro dum grupo etnico (Siguan y Viladot, 1992). Aki, nesta frontera, muitos naum quereim fasé parte du grupo ki fala portuñol i ke teim ele como parte da sua identidade. Dicé ki fala portuñol é disé “só abrasilero, pobre, naum istudei i naum me identificaum cumo uruguayo”. Isto mostra a discriminasaum lingüística na interna da propia sociedade demostrando y conflito de clases i u conflicto cultura. É parte duki Gau propoim au tentar desmontar a ideia da “frontera da paz”.

A identidade individual fala da representasaum de nois mesmo sobre a gente. Esa representasaum muda atraves da nosa vida. Cumo us otro ve agente nos dá uma imageim de nos. Buscá una identidade é costruí uma representasao nosa (Villoro, 1992). A identidade é incacabada, inestable i contraditoria. Está asosiada as nosa representasao. Pur iso, está conetada e “impregnada e prenhede de conflitos, de disputas, de divisões, de ações, do (con) sentimento, da

mobilização, do silenciar, do legitimar, do exaltar/enaltecer ao esconder/dissimular, da dominância e da resistência, isto é, de profundas relações de poder” (Mondardo, 200:133).

A identidade depende da diferença, existe por ela e tem sentido por sistemas simbólicos como por exemplo, a língua (Woodward, 1999). No nosso caso o português é esaltado, legitimado principalmente pelo sistema educativo e o português tem o seu silêncio, silêncio é motivo de conflito. Esse sistema educativo que representa os setores dominantes e que, historicamente, silenciou o português por meio, por exemplo, da escola. Como diz Sturza (2019) “o conflito linguístico ocorre na disputa entre a língua do âmbito familiar e a língua nacional, a que a escola impõe como língua da alfabetização” (p.102).

Territorio e identidade territorial

A nossa fronteira é um território, um espaço social, ocupado por uma povoação e o estado controla a circulação. O território inclui e exclui por suas fronteiras, provocando mais desigualdade social e cultural. Haesbaert (2013) diz que o território está sempre conectado com poder e controle do espaço e da sociedade (o território não se separa da sociedade). Envolve o poder no sentido de dominação, como algo concreto, mais também simbólico, no sentido de apropriação. Vai da dominação política à dominação simbólica. Por outro lado, ele diz que a *territorialidade* tem a ver com a nossa representação territorial.

O território, por meio das territorialidades, forja as identidades territoriais: a partir de um recorte territorial, onde existem relações, se constroem as identidades territoriais. O território tem uma dimensão simbólica, cultural

por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. (Haesbaert, 1997:42)

Entendemos a identidade coletiva como o que um sujeito se reconhece e reconhece o outro como membro do grupo (Villoro, 1992). A personalidade do agente se forma participando das crenças, atitudes dos grupos que nos fazem parte. A nossa se forma da combinação das características brasileiras e portuguesas, é uma mistura que gera uma nova: a do fronteirizo português falante de Rivera. Não é só um choque de duas culturas diferentes, mas é uma terceira cultura que vai se criar na coexistência de duas culturas originais (Hernando, 2004).

Posso relacionar com a ideia do Terceiro Espaço de Homi Bhabha (2002) onde o discurso “se van hibridando y rompiendo la representación tradicional de una unidad rigidamente “unitaria” y cristalizada.” Essa unidade não existe e não vai existir “porque es una imagen arbitrariamente acotada que se esfuma en el caótico tejido de lo vivo, en la conformación y evolución de la raza humana” (Hernando, 2004:115).

Portuñol: lugar estigmatizado e objeto de estudo

A língua é uma construção social, é de domínio público. Por isso, gera muitas atitudes. Todos nós temos o direito de dar a nossa opinião sobre questões linguísticas. Neste caso, o que é prejudicial para nós é o fato de nós nos inclinarmos para falar a nossa variedade quando percebemos quais são os valores sociais (atitude e representação) que dão a nosso jeito de falar. Desprezamos a língua e a

variedade lingüística dum individuo o duma comunidade é uma forma de estigmatizasaum social. Nos daqui da frontera, temo uma marca negativa, de algo errado, um istigma. Nos somo istigmatizado, porque naum somos aceitado socialmente pela lingua ki falemo.

Uruguai costruiu sua istrutura social i du istado sobre as base do centralismo: a cidade cumo centro i Montevideu como principal cidade. Um oliar sociocultrual da frontera pode sé pensado cumo un lugar longe da metropoli, du centro de poder político i económico. A consecuencia desa distancia parece sé ki na frontera desaparece u poder du Istado (Arcila, 2014).

Pudemo vé iso na pandemia, kuando u maior problema du pais era a frontera, u amontuamento da gente, us freshop. Disiam ke nos tinha ki sé brasileiro. Nus istigmatizaraum us de fora i us de dentro. Au mesmo tempo, im montevideu, u centro du país, as prasa tavaum lotadas, cheiño de gente, sem tapaboca, seim distansiamiento. U ki manda é u poder económico, iso ki nós nao temo. Pur tanto, a isculsaum naum é só da lingua, é tambeim económica.

Tambeim é importante disé ki us investigador veim de montevideu istudá a frontera. Muitos tratam a nosa realidade cum respeito mas otros vé a frontera cumo um objeto, serve só pra tirá proveito. Intao eles veim, facim umas intrevista, consegueim um poco de informasaum e vao simbora. Depois, chegam a conclusoes sobre a nosa realidade ki neim a gente sabia e muita coisa é negativa. Eles se tornam especialista na gente muitas veces seim vir até aqui. Lembro dum dia ke oví um académico dicé pra um escritor daki “disculpáme, pero eso que escribís no es portuñol”. Ese acontecimento foi eim 2017 i ese académico, ispecialista eim portuñol, naum viña a nosa frontera fasía mas de 10 anos. Aleim diso, sobravaum dedos duma mao pra contar a

kantidade de veces ki ele dis ter vindo até nosa frontera. Cumo dis u Grimson (2000), teim ki ir nas frontera cum oiar pra inxergar i tambeim pra intendé as mistura i u conflito.

Nova mestisa i dislinguada como categoría de analis

Na construsaum da identidade nacional - ki é considerada omogenia-, nosas marcas cultruais, linguisticas, sociais, ficarum fora i foraum silenciadas. Nos temo direito de te igualdade kuando sé diferente, cumo é u noso caso, nus fas sintí inferior mas tambeim temos direito a sé diferente kuando a iguladade nus fas perdé a nosas caraterísticas (Sousa Santos, 1998) por exemplo, desde u ponto de vista linguistico, temos direito a conservá u ki nus identifica: u portuñol.

Esta foi uma parte da historia, i por tanto comesa tambeim cum um conflito ke se costruíu sobre algumas premisas. Di un lado, a identidade nacional defendendo os valores urbanos, masculinos, brancos, modernos, i desde uma lógica de familias da burguesía. Du otro, a frontera como representasaum do perigo, da ameasa aos valor nacional. U risco naum eraum us istrangero, eramos nós us ki abitávamos a frontera terrirotiral i ki pur un asidente geográfico, costruimos nosa cultura local i regional cumo perigo para identidade nacional. U pirigo pru Uruguai sempre teve dentro, nas discriminasaum i desigualdade dentro du istado, da sociedade conservadora i centralista desde siglos atrás. A frontera y suas fronteras ficarum fora.

Na atualidade vivemos uma mudansa de paradigma i de resignificasaum política i asim se abre ispaso pru portuñol cumo representasaum de nós prus de fora. Asim é ki Anzaldúa (1988) veim com una proposta mestisa i di rebeldía. Disía ela “somos los grupos raros, la gente que no pertenece a ningún sitio, ni al mundo

dominante, ni completamente a nuestra propia cultura” (p.168). Esas palabra referentes au mundo chicano i au mundo femenino/feminizado, au tercer mundo, se aplicaun perfectamente a este pекeno mundo regional dos portuñóis de esta frontera. Aki abitemo us raro i as rara, us ki naum us identificaum como uruguaíos i uguguaias i naum perteneceim a neñuma cultura, porke eim definitiva naum pertenesemo a cultura i poder dominante, porki semo representativo dos dominado.

Retomando a idea du tercer ispaso de Bhabha i relacionando cum u párrafo anterior sería, como dis Arcila (2014), una presaum cultural, como si fose uma membrana i pur aí entram as influencia da cultura ki domina i da ki é dominada i “el entrecruzamiento entre (dos) culturas distintas produce la emergencia de una tercera que se crea en la confluencia y coexistencia de las dos anteriores y originales” (p.6).

Nós, as falante de portuñol podemos esigí uma cancelasaum du patriarcado. Iso significa identificá ki u portuñol teim muito de dominasaum masculina, ki pode ser espresada na menor vergoña ki teim us ome de falá eim portuñol na sua vida cotidiana pública. Nus esigeim a nós, as muié, falá beim porke nos temo ke criá us fio. Naum te vergoña du portuñol tambeim é rebeldía feminina. Na frontera donde eu moro isto é un problema ki naum foi resollvido i pur iso é um desafío.

U portuñol é tambeim um exemplo da mestisagem i u conceito de mestisa, uma insinuasaum carregada de ironía. Zalvide (2018) fala ki a linguagem teim um papel importante na construsaum de uma identidade mestisa. Us silencio du ki naum podemos disé, o du ki se deve disé o como dicé indicaum a propia condisaum do mestiso como sujeito dominado. As muié mestisa saum dominada i sua lingua é a ki precisa ser dominada. A mestisa, como dis Anzaldúa, sofre una guerra interior, na propia carne, a luta de

fronteras, de culturas i de valores. Semo u produto de duas cultura i iso fas ki agente viva num dilema constante: ¿a ki grupo eu pertenso? Aki nesta frontera, parafrasiando a Walas (1998), aprendemos a ser uruguaíos na cultura brasileira, i brasileiros eim i pra cultura uruguiaia, por iso nus identificamo como fronteriso.

As mestisa saum produtos de valores multiculturais, saum exemplos de contradisoos. Saum as fias má de suas maes i pais i por iso saum dislinguadas, como dis Anzaldúa, porki perderaum a lingua, purki saum rompeidioma, como disim pur akí kuando falum du portuñol. A nova mestisa tambeim isplica estas frontera i seus portuñóis porke propoim um contenido político eim épocas dispolitizada.

Reflesoes finais

Pra fechá algumas das ideia ki iscreví, poso dicé ki u poder ki fala Hall (2003) é u ki provoca a dominasao i a discriminasaum dos dominado, us subalterno: de nos, as *dislinguadas*. Pensando na anedota du académico ki iscreví uns párrafo insima, podía preguntá ¿queim teim autoridade prá disé u ki é o u ki não é portuñol? Acho ki poso contestá: nos, us da frontera purke u académico interpreta a cultura local i regional, não é u produtor dela. Por tanto, nos, as *dislinguadas*, abitando esta frontera como subalterna dos subalterno. Pur iso, pur u ki vejo, sinto i kero i pela liberdade ki teño nestas páginas é ki poso iscolié kem eu nombro i keim fica fora. Keim teim colocado u portuñol num pedestal mas aki, entre nós, tem ocupado a posisaum de dominasaum, eu decido ki fica fora du meu testo.

Anzaldúa (1999) isplica que pru homeim branco, um dos jeito de facé parte do mundo ki teim suseso, u mundo “da mão direita” é naum falá a nosa “lengua en

llamas” (p.221). Pudemo compará cum u Chicano Spanglish ki ela describe, esa nova linguagem ki evoluciona, muda pur a nova palabra i, cumo ela mesmo dis, um jeito de viver duma língua viva. Iscrevé nas duas língua, serve pra forsá a té uma consiensa di ki este país naum é u ki a egemonía dis. Nosa lingua eim chamas, viva, livre de todo controle nao necesita se defendida, menos nos, os falantes dela.

As dislinguadas saum descontrutora das frontera a través da descontrusaum da linguagem. Aleim diso, propoim languageins alternativas. Atraveis da lingua se percebe i costroi u mundo. As dislinguada abitaum um mundo surdo porki é u mundo de fora. U portuñol é a lingua de fora, da campaña, da frontera,

dus pobre du norte, dus abasileirado (espresaum de despreso e istigmatizante), contrabandista, dus ki sempre faseim bagunsa na ordeim, insisteim eim diser “soy uruguayo”, mesmo disendo eim portuñol. As dislinguada insisteim im colocá na frente dus oio patriarcal da sociedade conservadora u valor de ser i de se sinti torto. U resumo de tudo iso é a nova mestisa, ki desde as frontera chicanas de Anzaldúa, iluminam estas novas mestisas das frontera du sul-norte brasileiro-uruguaio.

Naum foi faciu facé este trabaio. Tive ki trasformá minha lingua oral numa lingua iscrita. Esa lingua ki teim um istatus inferior i ki se transmite de manera oral, ki naum é normativa, naum istá istandarizada, naum teim iscritura. Pur iso u corretor da computadora mudava tudo u ke eu escrevia (u *word* nao aceita a miña lingua). Esa lingua fronteriza, ki evoluciona, ki é oral i naum se somete as regras da academia (Zalvide, 2018). Sim, neñuma academia dis cumo nos temo ki fala neim escrevé mas ela tenta, naum tá pronta para iso, temu muito ki aprendé. Aleim diso, teño certeza de ke us daki,

desta frontera, vaum dicé “iso naum é meu portuñol”. É kuase siguro ki naum seja, porke ese é u MEU portuñol: existeim portuñoiS nu plural i eterogenio. U ki eu propoño supoim asumir diversidades i contradisoes como posibilidades políticas de resignificasaum da democrasía. A democrasía nestas fronteras será em linguagens plurais ou naum será.

Bibliografía

- Anzaldúa, G. (1988). Hablar en lenguas. Una carta a escritoras tercermundistas. En Morraga, Ch. y Castillo, A. (Eds.). *Esta puente, mi espalda. Voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos*. (pp. 219-228). San Francisco: Ism Press, Inc. Editorial "ismo".
- Anzaldúa, G. (1999). *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books.
- Arcila, M. (2014). Frontera, entrelugar o tercer espacio. *Agenda Cultural Alma Máter*, 213. <https://revistas.udea.edu.co/index.php/almamater/article/view/20432>
- Bhabha, Homi (2002). *El lugar de la cultura*. Buenos Aires: Manantial.
- Carvalho, A.M. (2007). "Diagnóstico sociolingüístico de comunidades escolares fronterizas en el norte del Uruguay.". En: Brovetto, C. Brian, N. y Geymonat, J. (comps.). *Portugués del Uruguay y educación bilingüe*. (pp. 49-89). Montevideo: ANEP.
- Criado Boado, F; Gianotti, C. y López Mazz, J.M. (2008) "Arqueología Aplicada al Patrimonio Cultural: la cooperación científica entre Galicia y Uruguay". En Muñoz, G. y Vidal Lorenzo C. (coord.).
- Dorfman, A. (2009). Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais. [Tesis de posgrado en Geografía, Unversidade Federal de Santa Catarina]. Repositorio Institucional.
- Elizaincín, A., Behares, L y Barrios, G. (1987). *Nós falemo brasileiro. Dialectos Portugueses del Uruguay*. Montevideo: Editorial Amesur.
- Enninger, R. (2013). "Identidade e hibridação cultural em fronteiras: conceitos e aproximações". V *Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação. Epistemologia e desafios da pesquisa no campo da comunicação*. UFSM. Recuperado: 2021, 1 de abril, Disponible en: http://coral.ufsm.br/sipecom/2013/wp-content/uploads/gravity_forms/1-997169d8a192ed05af1de5bcf3ac7daa/2013/09/identidade-e-hibridacao-cultural-em-fronteiras.pdf
- Gau de Mello, A. (2015). La trama musical en el paisaje Yaguarí. Los musiqueros, sus músicas, y ainda mais... ayer y hoy en un acercamiento semántico. Rivera, Uruguay: Fondos Concursables para la Cultura. Disponible en: <http://elyaguariysugente.blogspot.com/>
- Gau de Mello, A. (2015). Territorios culturales. Espacios otros para el debate de las identidades. En: Da Rosa, E. (Comp.). *Jodido Bushinshe. Del hablar al ser. Portuñol como patrimonio cultural inmaterial*. Montevideo, Uruguay: MEC. Disponible en: https://www.centrosmec.gub.uy/innovaportal/file/107096/1/centros_mec_jodido_bushinshe_del_hablar_al_ser.pdf
- Custodio, C. y Gau de Mello, A. (2017). Osvaldo Machado: un matrero en las fronteras del dolor a principios del Siglo 20. Apuntes para una sociología de las ausencias desde la presencia de los cuerpos/emociones. *RBSE. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, V. 16, N° 48, p. 13-27. Disponible en: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Custodio&AlejandroArt.pdf>
- Gau de Mello, A. (2020). La frontera Rivera-Livramento en un repaso estructural desde la Sociología Histórica. La dominación como clave conceptual. En: Motta, D; Peppe, M. De los estudios culturales y subalternos a una ciencia poscolonial. Montevideo, Uruguay: Grupo Magro Editores.
- Grimson, A. (2000). Introducción: ¿fronteras políticas vs fronteras culturales? En: A. Grimson (Org). *Fronteras, naciones e identidades. La periferia como centro*. Buenos Aires: Ciccu-La crujía.
- Haesbaert, R. (1997). *Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste*. Niterói, RJ: EdUFF.
- Haesbaert, R. (2013). Del mito de la desterritorialización a la multiterritorialidad. *Cultura y representaciones sociales*, 8 (15), 9-42. Recuperado 2021, 30 de marzo, Disponible en: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-81102013000200001
- Hall, S. (2003). Introducción: Quién necesita identidad?. En Hall, S y du Gay, P. (Eds.). *Cuestiones de Identidad Cultural*. Amorrortu editores.
- Hartmann, L. (2011). "Sou da fronteira": narrativas orais e dinâmicas identitárias entre Argentina, Brasil e Uruguai. *Anuário Antropológico*, 36 (1), 187-213. <https://doi.org/10.4000/aa.1052>
- Hernando, A. (2004). El tercer espacio : cruce de culturas en la literatura de frontera. *Revista de Literaturas modernas*, 34, 109-120.

- Lapresta Rey, C. y Huguet Canalis, A. (2006). Identidad colectiva y lengua en contextos pluriculturales y plurilingües. El caso del Valle de Arán (Lleida. España), *Revista de Sociología*, 64 (45) 83-115.
- Mazzei, E. (2002). El comercio ambulante en la frontera uruguayo-brasileño. *Revista de Ciencias Sociales, Departamento de Sociología*, (20), 63-74.
https://www.colibri.udelar.edu.uy/jspui/bitstream/20.500.12008/6785/1/RCS_Mazzei_2002n20.pdf
- Mazzei, E. (2013). Fronteras que nos unen y límites que nos separan. Melo: Imprenta CBA.
- Mondardo, M. L. (2009). Identidades territoriais e globalização: a relação entre espaço, política e cultura no processo de des-territorização. *Geo UERJ*, 2 (19)111-137.
- Palermo, E. (2013). *Tierra Esclavizada el Norte uruguayo en la primera mitad del siglo 19, es un estudio centrado en el papel cumplido por los trabajadores esclavizados en la región fronteriza con Brasil*. Montevideo: Tierradentro.
- Persia, A (2010) Frontera como recurso, frontera como límite. Una perspectiva antropológica. En *Estudios Históricos*, N° 2.
- Quadrelli, A. (2002). *A fronteira inevitável*. Um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguay) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de uma perspectiva antropológica. Tesis doctoral. Programa de Pos-graduación en Antropología Social. Universidad Federal de Río Grande del Sur, Porto Alegre, mimeo.
- Rona, J. P. (1965). *El dialecto "fronterizo" del Norte del Uruguay*. Montevideo: Adolfo Linardi Editor.
- Siguan, M y Viladot, M. (1992). Aproximación empírica a la Teoría de la Identidad etnolingüística en el contexto catalán. *Anuario de Psicología*, (52), (pp. 79-93). Universidad de Barcelona.
- Sousa Santos, B. (1998). Por una concepción multicultural de los derechos humanos. *Las Ciencias y las Humanidades en los Umbrales del Siglo XXI*. Universidad Autónoma de México.
- Süselbeck, K. (2006). Lengua, nación e identidad en el discurso de la política lingüística de Cataluña.
- Sturza, E. (2019). Portuñol: la intercomprensión en una lengua de frontera. *Revista Iberoamericana de Educación*, 81 (2), 97-113.
<https://doi.org/10.35362/rie8113568>
- Sturza, E. (2010). Espaço de enunciação fronteiriço e processos identitários. *Pro-Posições*, Campinas, 21(3).
- Sturza, E. (2005) Línguas de Fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. *Revista Ciência e Cultura. SBPC*, 57 (2).
- Villoro, L. (1998). *Estado plural, pluralidad de culturas*. México DF, México: Editorial Paidós, UNAM.
- Walas, G. (1998). Hacia una identidad multicultural: autobiografía en Borderlands/La Frontera. LASA. Recuperado 2021, 2 de abril, Disponible en: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lasa98/Walas.pdf>
- Woodward, K. (1999). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. En: Silva, T. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 1º ed. Petrópolis, RJ: Vozes. (pp.7-72).
- Zalvide Rodríguez, C. (2018). La «nueva mestiza» en la cultura popular: el concepto de frontera y la construcción de la identidad a través de America Chavez. En *Anales de Historia del Arte*, n.º 28, (pp. 247-262).

¹ Saum varios us trabaio sobre a situasao lingüística de acá, pero solo voi a estederme nu ki propós Rona ki é pionero